

uma carta anónima

UM LIVRO

# e um Homem

P O R A F O N S O R I B E I R O

Eu nunca li nada que mais profundamente me comovesse que este livro—*Porquê? Para quê?*, de Correia de Sousa. Li-o esquecido de mim, do mundo—de tudo. E, não obstante, li-o sofrendo. Quando cheguei à última linha não sei bem se o que senti foi angústia, pânico ou alívio. Pode realmente determinar-se o género, qualidade ou grau d'uma sensação quando no nosso espírito se entrecrocam, ora esbatendo-se ora superando-se, os sentimentos mais confusos e contraditórios? Nesses instantes vive-se... e mais nada. E porque se vive em complexidade emocional, toda a destrinça é impossível. Conhecemos que a nossa alma está a transbordar de alguma coisa. Mas de quê não atingimos. E' dor, é tédio, revolta, admiração, ternura?...

Eu fiquei assim, perplexo e como que vazio—vazio e o peito cheio de sensações!—ao terminar a leitura do trabalho de Correia de Sousa. Que é porém a desordem, toda a desordem, senão uma preparação, uma ponte de passagem para a harmonia?

*Porquê? Para quê?*, teve origem numa carta anónima—e é o relato sincero duma vida que a maldade dum homem e a injustiça cruel duma sociedade transformaram em espantosa tragédia. Mas não a banal tragédia produto duma fantasia. Tudo o que ali está escrito, sendo a verdade, se vive, lendo-o. E vive-se com vontade de chorar. Correia de Sousa sofreu o que

poucos homens terão sofrido. Sofreu, sofre. E—suprema ironia (?)—menos desses poucos ainda, talvez, merecessem uma quota parte da relativa felicidade que por vezes nos é dado gozar. E' estruturalmente um bom. Como afirmação ética é um grande. A vida não lhe deu nada. Nada além de íntimas agonias, de dores as mais diversas. Resistiu a todas sem um queixume. Resistiu guardando e desenvolvendo sempre no seu sentimento, por que não dizer antes na sua razão?, uma desculpa para todos os que prevaricam e um humano carinho para todas as desgraças. O instinto de perversidade de um seu semelhante, coadjuvado servil e maldosamente por outros, levou-o à penitenciária, depois aos presídios de África. E êle era uma criança, quasi uma criança. E nada fizera. Na cadeia, nos seus braços, viu morrer um irmão tão culpado como êle. A mãe enlouqueceu—o pai morreu a ferros, na terra negra.

Provou de todas as amarguras. Dir-se-lá o herói dum romance que inteligência funesta planeava entre requintes de gozo anormal. Desfizem-lhe a família. Atiraram-lhe lama, deram-lhe um número em substituição do nome. Penou anos a mais monstruosa das iniquidades. E da sua boca não saiu uma acusação. Arrasaram-lhe a vida e êle ergueu-se dos escombros mais indulgente que nunca. Os homens retalharam-lhe a

alma e êle só encontrou uma atitude humana: debruçar-se sobre a dor dos outros homens e compadecer-se. Compadecer-se apenas? Não. Para o seu sentido de humanidade seria pouco. A simpatia por si só não lhe bastava. Deu-se a essas dores recalçando a sua. Deu-se tentando erguê-las, ampará-las, guiá-las, à custa de outras que lhe rendia tal esforço. Contudo em ninguém como êle se compreenderia um coração repleto de fel e ódio. E deu-se em amor, num total desapêgo de si próprio. Luminosa lição.

Torturaram-no. Durante anos e anos calou-se, foi acumulando ultrages, vilezas que seu espirito forjado nas maiores desditas deliberada, pensadamente voltava em ternura, na ânsia magnífica dum único fim: contribuir para a redenção das vidas alheias enrodilhadas em perene sofrimento. Afinal uma carta sem nome fez explodir essa resistência heróica. Mas não quebrou a unidade do homem.

Ler o livro—que libelo terrível são as suas páginas!—é mergulharmos num mundo estranho, pavoroso e bárbaro. No fim é como se saíssemos dum delírio. Confissão sentida, escrita em catadupas, toma-nos conta da sensibilidade e subjuga-nos. Não afirmo que todos os leitores de *Porquê? Para quê?*, se identificarem com a tragédia, que se não lastima, do autor. O que não creio é que haja algum capaz de não admirar o seu carácter humanamente belo.

## literatura

(Continuação da página cinco)

pequenos contos onde o autor foca assuntos de impressionante actualidade e humanismo, por vezes com relativo à-vontade.

Na verdade, nos anteriores volumes, no prefácio de *Contos Sombrios* e nos próprios contos, Z. Larkak mostra-se interessado por problemas sérios, não desbarata a sua patente actividade intelectual em chochices e baboseiras românticas. A sua persistência, e possivelmente sacrificio, em publicar as suas obras, o desejo de cultivar-se, a seriedade dos temas tratados tornam-no digno da nossa atenção. E como o papel da crítica independente (para distinguir de certa crítica comercial) é elucidar não só o público mas ainda o próprio autor criticado, aqui, honestamente, depois de dizermos o que na obra de Z. Larkak é louvável vamos fazer os reparos que achamos de justiça deverem ser feitos.

O autor de *Contos Sombrios*, vendo o mal, não só não atina com a solução como atribue, impensadamente, as causas desse mal a razões que nada se relacionam com êle. No prefácio da obra a que nos estamos a referir, êle, ao tratar da mulher, atribui o desejo de vestidos catitas, a toleima, a perdição ao facto de ela lutar pelo sustento próprio ocupando um emprêgo. E assim em outras questões. Em alguns contos censura o erro bem como os que o praticam com palavras ásperas de horror e nojo sem cuidar das causas, das responsabilidades e do meio.

Este aspecto de injustiça nos conceitos da vida e conclusões ilógicas (resultados de pensamentos pouco amadurecidos) não anula, no entanto, o que de louvável há na confecção das obras de Larkak. Os seus livros valem, pois, pela intenção.

O autor é novo, tem preocupações, trabalha afincadamente para adquirir sólida cultura—razões de sobra para esperarmos alguma coisa de útil da sua pena laboriosa.

Era, pois, flagrante injustiça, se lhe aplicássemos o ditado com que começamos estas linhas.

M. A.

### De Cinêma

Já depois de impressa a página 14, verificou-se ter havido um salto de linha no artigo «O último filme de Pabst». Começa na oitava linha: *A geração dos 20 anos*, etc. e termina pelas 7 linhas que precedem o começo.